

## HISTÓRIAS E MEMÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ELO ENTRE LITERATURA INFANTIL, PNBE E PRÁTICA PEDAGÓGICA

*\*Jussara Cristina Barboza Tortella*

*\*\*Adriana Batista de Souza*

*\*\*\*Ana Paula Faria*

*\*\*\*\*Ceres Chiarotto Zapio*

**RESUMO:** O presente artigo discute acerca da literatura infantil na prática educacional, a partir de livros do PNBE. Trata-se de um relato de experiência com a leitura na Educação Infantil, fundamentado em um estudo teórico sobre literatura infantil e PNBE. Estabelecemos como objetivos: i) destacar os principais aspectos históricos e a importância da literatura infantil contextualizados ao campo da educação, ii) apresentar o PNBE e refletir sobre suas contribuições na escola; iii) mostrar que o trabalho com a literatura na educação infantil pode estar atrelado aos interesses das crianças e pode ser uma preciosa ferramenta na descoberta do mundo pelos pequenos. Compreendemos o PNBE como um programa assertivo, mas ainda carente de um diálogo maior com as unidades educacionais. A simples entrega dos livros não garante a formação do professor mediador, tampouco a democratização do acesso à literatura. Novas políticas precisam ser pensadas para garantir a divulgação do PNBE nas escolas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Infantil. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Educação Infantil. Prática Pedagógica. Formação de professores.

### INTRODUÇÃO

As escolas de educação infantil, notadamente, apresentam traços de uma concepção de atendimento assistencialista, sem preocupação prioritária com o ato de educar considerando a história da educação infantil brasileira (BESSELER; FARIA, 2014). Ao longo do tempo, devido às transformações da sociedade, as creches e pré-escolas foram ganhando novas características e, com elas, a integração entre cuidar e educar. Intensifica-se, a partir daí, a preocupação com o desenvolvimento infantil.

Mediante aos gradativos avanços desta etapa da educação, inúmeras pesquisas têm se dedicado a estudar as necessidades das crianças de zero a cinco anos e seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. É dentro desse contexto que este artigo pretende

---

\* Professora e pesquisadora titular, em regime de dedicação integral, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Participa do Grupo de pesquisa Formação e Trabalho Docente da Linha de pesquisa Formação de Professores e Práticas Docentes. Email: jussaratortella@puc-campinas.edu.br

\*\* Mestranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, integrante do Grupo de Pesquisa Formação e Trabalho docente. Email: adrianabskoide@campinas.sp.gov.br

\*\*\* Mestranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, integrante do Grupo de Pesquisa Formação e Trabalho docente. Email: faria\_ap@hotmail.com

\*\*\*\* Mestranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, integrante do Grupo de Pesquisa Formação e Trabalho docente. Email: shce@uol.com.br

discutir uma temática que parece estar desgastada, mas que entendemos ainda ser necessária, a prática de leitura.

Há tempos que pesquisas são realizadas acerca da origem da literatura infantil. A respeito da produção de livros de histórias infanto-juvenis, a Europa tem grande destaque no séc. XIX. No Brasil, a literatura infantil no contexto escolar torna-se objeto de estudo de pesquisadores a partir dos anos 80 (MOZZER, 2008).

Carleto (2014, p. 76) refere-se à prática de leitura como um problema social da realidade brasileira, pautando-se em pesquisas que apontam que “[...] mais de 50% da população brasileira encontram dificuldades para entender o que lê e para expressar seu pensamento coerente pela escrita”.

Esta autora considera que ter um bom acervo de livros é um dos primeiros passos para que a escola se torne uma comunidade leitora. É justamente nesse sentido que o Programa Nacional Biblioteca da Escola atua, entre outros programas coordenados pelo Ministério da Educação que objetivam incentivar a prática da leitura aos alunos e professores.

Diante desse contexto, este artigo se configura como um estudo teórico sobre o PNBE e a literatura infantil, ilustrado com o relato de uma experiência do trabalho com a leitura na Educação Infantil<sup>1</sup>. Desta forma, os objetivos deste artigo são: i) destacar os principais aspectos históricos e a importância da literatura infantil contextualizados no campo da educação, ii) apresentar o PNBE e refletir sobre suas contribuições na escola; iii) mostrar que o trabalho com a literatura na educação infantil pode estar atrelado aos interesses das crianças e pode ser uma preciosa ferramenta na descoberta do mundo pelos pequenos<sup>2</sup>.

Mediante aos objetivos delineados, considera-se relevante apresentar primeiramente o PNBE e sua relação com o segmento da Educação Infantil, discutir acerca do trabalho com a literatura infantil e a formação do professor neste aspecto para posteriormente relatar como se constituiu o trabalho com a leitura em uma escola de Educação Infantil localizada no interior do Estado de São Paulo.

## **LITERATURA INFANTIL: DO CONTEXTO HISTÓRICO AO PNBE**

Quando falamos sobre literatura infantil nos permitimos viajar através do tempo e do espaço sem tirar os pés do chão transpondo horizontes movidos por ações e emoções que cada pessoa conhece e reconhece de forma única, singular, em um diálogo que

---

<sup>1</sup>A coleta de dados para o presente artigo ocorreu através de entrevistas individuais e voluntárias com as professoras do Projeto Biblioteca que ocorre na escola de referência.

<sup>2</sup>As falas e opiniões das crianças foram coletadas na entrevista com a professora da sala.

permite ao ser humano dirigir-se ao outro e ao mundo com um olhar de encantamento, capaz de propiciar reflexões e descobertas.

A literatura infantil enquanto arte trata sobre temas diversos, que cada época confere aos mesmos novas compreensões em uma harmonia entre letras, imagens, poemas, ou atividades que com suas histórias permitem à criança criar em suas memórias o contato com outras realidades, outras culturas e outros pontos de vista. Contudo, é válido lembrar que a literatura infantil tal como a percebemos hoje nem sempre nos foi apresentada assim.

Empregamos a expressão literatura infantil ao conjunto de publicações destinado ao público infantil com conteúdo recreativo e/ou didático. No entanto, pesquisadores sobre o assunto informam que tais conceitos são restritos, pois consideram que muito antes da produção de qualquer material escrito a literatura infantil fazia parte da tradição oral em narrativas que descreviam e explicavam sua forma de interpretar a realidade (PAIVA; OLIVEIRA, 2010).

Narrar histórias e memórias com o intuito de deixar marcas, transmitir ensinamentos e reforçar tradições sempre foi uma necessidade do homem. Araldo (2011) destaca que com tais propósitos as narrativas eram contadas em sessões familiares, muitas vezes ao pé da fogueira acompanhadas de cantos e danças, numa situação que assumia importância social e cultural.

Foi na antiguidade que a literatura clássica, mediada por mitos e fantasias, surgiu no Oriente e se estendeu pela Europa. A idade média, por sua vez, constituiu um período decisivo para que as narrativas revelassem uma visão de mundo própria, impregnada de imagens contrastantes, com o bem se opondo ao mal (ARALDO, 2011). Tal discurso viria a se materializar na literatura tradicional repercutindo até os dias atuais.

Embora a criação do papel tenha sido obra dos chineses no começo do primeiro milênio, e a técnica de impressão artesanal já existisse, foi somente no século XV, com a idade moderna, que a imprensa surgiu como forma de produção, possibilitando a impressão de um número maior de livros.

Araldo (2011) ressalta que essa invenção, além de modificar a história do homem, contribuiu para a democratização do saber e para o desenvolvimento de uma classe burguesa mais intelectualizada. A autora diz também que:

Dentre os primeiros livros a serem impressos na Idade Moderna estão narrativas da Idade Média. Histórias que agradavam indistintamente aos adultos e às crianças, e que com o tempo, devido à simbologia, aos temas universais abarcando a essência humana e seus valores, viriam a se transformar em Literatura Infantil, ajustando-se muito bem ao gosto infantil

e às preocupações dos adultos quanto ao livro que destinariam às suas crianças (ARALDO, 2011, p.28).

Foi somente depois de 250 anos após a invenção oficial da imprensa que a literatura infantil tomou impulso, conforme relata Oliveira (2009). No século XVIII, obras literárias destinadas ao público infantil começavam a ser comercializadas no mercado europeu, produzidas a partir das novas técnicas tipográficas decorrentes do processo industrial. Diante do capitalismo dominante, o livro infantil, transformado em mercadoria para consumidores infantis, passa a ser produzido em uma escala maior.

Contudo, Monteiro (2007) informa que nesse período a literatura infantil encontrou inúmeros obstáculos para se afirmar como arte literária destinada às crianças, por estar associada às narrativas populares. A autora traz à lembrança Charles Perrault, que se recusou a assinar sua autoria em *Contos da Mamãe Gansa*, por temer a ligação de seu nome com a construção de uma narrativa com marcadas características orais. Em um estilo de escrita próximo, o trabalho dos Irmãos Grimm surgia a partir de narrativas pertencentes ao folclore popular, agradando a adultos e crianças, assim como a obra de Perrault.

Com a vinda da Família Real ao Brasil, em 1808, o desenvolvimento do país foi impulsionado refletindo na:

[...] construção de estradas de ferro, obras públicas, Jardim Botânico e prestou grande estímulo à cultura com a criação de escolas, biblioteca e a implantação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, [...] responsável pela publicação de jornais, revistas, livros e também pela edição das primeiras obras de literatura infantil. (ARALDO, 2011, p. 30).

No século XX, a adaptação das histórias populares para o público infantil ganha espaço no território nacional, em sua maioria, adaptações ou traduções estrangeiras com ensinamentos morais. Os livros infantis surgem como ferramentas de apoio pedagógico e são considerados fortes aliados no processo de enriquecimento intelectual das crianças.

Atualmente, o mercado editorial brasileiro apresenta uma produção significativa e variada destinada ao público infantil, que objetiva, através da arte, ir além das funções pedagógicas e morais.

Na busca pela formação de uma criança reconhecida como sujeito, com direitos e deveres, autor de histórias e memórias que se constituem na relação mediada com e pelo outro, a literatura infantil possibilita ao ser humano ser narrador e ouvinte, não apenas dos livros, mas também da própria vida. Ao ler ou ver um livro, cada um retira da experiência

que ele traz a sua própria experiência, podendo transformar ou ampliar seu olhar a partir do que está sendo apresentado pelo olhar do autor e/ou do ilustrador.

Histórias e memórias transformadas em obras literárias trazem consigo formas de dizer o mundo, narrativas que descrevem, explicam e interpretam uma realidade diferente para cada leitor. No entanto, o mercado editorial, inserido em um sistema capitalista, limita o acesso à literatura.

Buscando minimizar os impactos que a desigualdade social impõe às pessoas de baixa renda no campo cultural, foi instituído em 1997, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

O PNBE consiste na aquisição e distribuição de obras literárias para o uso de alunos e professores das escolas da rede pública brasileira. Executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento em Educação (FNDE), em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC). O programa tem como objetivo formar e qualificar bibliotecas escolares e proporcionar aos alunos o acesso a livros que permitam sua inserção em uma cultura letrada, bem como o contato com bens culturais que possam contribuir com o desenvolvimento de potencialidades leitoras (MEC/SEB, 2014).

Com percurso que perdura por 18 anos, o PNBE tem contribuído com a democratização da literatura por todo o país e, embora os resultados das pesquisas sobre o programa ainda não apontem resultados plenamente favoráveis, como veremos adiante, é válido lembrar que, por meio desse recurso, inúmeras obras alcançaram milhares de bibliotecas escolares pelo Brasil afora. Dessa forma, o PNBE atravessa as muralhas das barreiras sociais e se torna parte não somente das histórias, mas também das memórias das pessoas que compõem as escolas públicas nacionais.

## **O PNBE E A EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CONVÍVIO RECENTE**

A Constituição de 1988 pode ser considerada um divisor de águas para a Educação Infantil. Ao reconhecer essa etapa da educação como um período que exige a união entre cuidar e educar, a legislação promulgava também uma nova concepção de infância, que passa a ser vista como um período que deixa marcas, por que o que se aprende nessa fase pode permanecer vivo e latente dentro de cada ser humano, por toda sua vida, podendo definir seu jeito de ser e estar no mundo. A literatura infantil, como parte integrante no processo “*cuidar e educar*”, constitui-se em importante ferramenta para a formação da criança pequena.

Nesse contexto, o PNBE passou por inúmeras modificações e adequações para acessibilizar a literatura e promover a leitura, bem como a difusão do conhecimento entre alunos e professores. As mudanças ocorridas em 2008 ampliaram a abrangência do programa que atendia somente o Ensino Fundamental e que, a partir desse período, passou a contemplar também as escolas de Educação Infantil.

O Edital de Convocação para a inscrição das obras para 2008 apresenta em sua introdução que ao promover a seleção de obras de literatura para a educação infantil é preciso considerar as crianças, logo em seus primeiros anos, como sujeitos ativos, que interagem no mundo produzindo significado (BRASIL, 2007). O documento traz ainda que

O contato das crianças com a literatura, da creche ao ensino fundamental, deve promover momentos de alegria, de desafios para a imaginação e para a criatividade, de troca e de experiência com a linguagem escrita. O livro destinado às crianças precisa envolver sentimentos, valores, emoção, expressão, movimento e ludicidade, permitindo inúmeras interações. Neste contexto, além da ilustração, que tem um papel fundamental, pois por si só traz muitas possíveis leituras, é preciso considerar os diferentes textos – com seus gêneros e estilos, bem como as possibilidades de interação que o objeto livro, com seus formatos e texturas, oferece. (BRASIL, 2007, p. 14).

Conforme os dados oficiais do Portal do FNDE<sup>3</sup>, no ano de 2010 foram distribuídos 10,7 milhões de livros a todas as escolas públicas da educação infantil (86.379 escolas), fato este que pode ser considerado o marco inicial entre o recente relacionamento do PNBE com este segmento da Educação. Embora a distribuição seja feita anualmente, o Portal informa que a Educação Infantil recebeu acervos em 2012 e 2015, de acordo com o planejamento do PNBE que prevê o atendimento anual alternado para ciclos educacionais diferentes (MARQUES, 2013).

Em 2014, a avaliação e seleção das obras e a organização do processo de composição dos acervos ficou sob responsabilidade de profissionais do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os acervos foram planejados para o uso coletivo de alunos e professores. Ao discutirem sobre a seleção das obras, Soares e Paiva (2014) esclarecem que os gêneros e temáticas diferenciadas do acervo buscam atender diferentes faixas etárias e gostos literários e que as qualidades textuais, temáticas e gráficas são alguns dos aspectos considerados para o critério de escolha. Carleto (2014, p. 85) complementa que:

---

<sup>3</sup> Ver <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-historico>> Acesso em 15 jul.2015.

A avaliação e seleção dos acervos do PNBE são realizadas por um colegiado, com representantes do Conselho Nacional de Secretários da Educação (CONSED), da União de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), de intelectuais e de técnicos e especialistas na área de leitura, literatura e educação do Ministério da Educação e de universidades. Enfim, a avaliação e a seleção são realizadas por equipes de mestres e doutores de universidades federais, profissionais com múltiplas experiências, dentre elas a docência na educação básica e a formação de professores. (CARLETO, 2014, p. 85).

Para as escolas de educação infantil que atendem creche e pré-escola foram formados, no ano de 2014, 04 acervos distintos, selecionados em *kits* de 20 a 25 livros cada, separados por listas (1, 2, 3 e 4), que foram distribuídas de acordo com o número de alunos matriculados e inseridos no Censo Escolar (MARQUES, 2013).

Os acervos foram encaminhados para as unidades educacionais em caixas acompanhadas por um guia de apoio intitulado “PNBE na escola: literatura fora da caixa” que tem como propósito possibilitar o diálogo entre o educador e os livros do PNBE. Dentre os diversos temas contidos no guia, as sugestões para o uso do material enviado merece destaque especial. Soares e Paiva (2014), ao falarem sobre a utilização dos livros enviados pelo PNBE, defendem que o professor deva assumir um papel de mediador de leitura e que a constituição do acervo permite que esse mediador enriqueça as atividades e habilidades de leitura. De acordo com essas autoras, é interessante que essas mediações ocorram em espaços e tempos dedicados à leitura na escola, podendo acontecer de formas variadas e em lugares diversificados, traduzindo-se em experiências bem sucedidas quando aguçam nas crianças o desejo de ouvir novas histórias, despertando-os para novos conhecimentos, valendo para isso, apostar na afetividade de uma relação mais próxima e cúmplice entre criança e mediador. Nesse sentido, Souza e Giroto (2014) ressaltam que ler com a criança é diferente e mais eficaz do que ler para a criança, porque a entonação da voz, a escuta atenta e compreensiva ao que dizem os pequenos em palavras ou gestos, o envolvimento do leitor e do ouvinte, tudo isso faz parte de situações de leituras mediadas.

A respeito do funcionamento do PNBE, pesquisas indicam a legitimidade do programa, conferindo-lhe créditos pela qualidade, no entanto, as mesmas pesquisas também apontam as dificuldades enfrentadas junto às escolas. Os problemas mais frequentes podem ser observados em escolas cujos professores ainda desconhecem o PNBE; pelas escolas que ainda não possuem bibliotecas ou projetos de incentivo à leitura nas unidades educacionais ou ainda por livros que jamais saíram de dentro das caixas (MOTA, 2012).

A partir disso, inquietam-nos as seguintes indagações: a divulgação do PNBE é realizada para os professores de outra forma, além do guia que acompanha os acervos? A formação continuada é capaz de possibilitar ao professor novas reflexões para que ele se veja como um agente mediador? O que poderia ser feito para que a democratização da leitura pudesse alcançar efetivamente mais escolas e promovesse uma maior acessibilidade literária?

Partindo da premissa que ninguém coloca em prática aquilo que desconhece, abordaremos, nos próximos tópicos, a importância de projetos relevantes para o incentivo à leitura dentro de uma escola de Educação Infantil da rede pública municipal de ensino, atrelada à formação de professores, objetivando apontar possíveis respostas para os questionamentos levantados.

## **LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA POSITIVA**

O início do presente século foi marcado pela busca da formação integral do sujeito, consagrando a necessidade de articulação entre educação intelectual e moral, fato preconizado por autores de diferentes épocas.

A literatura infantil tem colaborado com a formação das crianças desde tempos remotos. A respeito de sua contribuição com a educação moral é possível afirmar que, também nos dias atuais, grande parte da literatura infantil ainda traz a moralidade como fator de referência. O uso da literatura com essa finalidade tem sido questionado por muitos pesquisadores, como Paiva e Oliveira (2010), ao defenderem que a moralidade é um traço desmotivador para a criança quando esta percebe a ideia artificial estabelecida da virtude como recompensa e o vício como castigo nas histórias lidas. Nesse sentido, a escola, enquanto dominadora, estabelece relações de poder exercido pelo professor sobre um aluno dominado. As autoras informam ainda que:

[...] o aluno é vencido pelo ambiente escolar, sendo peça a ser moldada conforme a visão do adulto. É obrigado seguir o que o professor determina. O uso da literatura infantil restringe ao serviço do processo de manipulação da criança, cumprindo o papel de transmissor de conhecimento conforme o desejo do adulto. O professor, figura dominante, utiliza a literatura infantil para transmitir normas de obediência e bom comportamento [...] Sosa (1978) explica que não é a moral da história que fica registrada como experiências de conhecimento, mas o que fica registrada na alma da criança é o acontecimento dramático da fábula, as espertezas e astúcia embutidas nas ações das personagens. É o drama apresentado na fábula que dialogará com seu mundo íntimo e colaborará no conhecimento que necessitará para seu desenvolvimento. Portanto, a educação moral não é aplicada na vida da criança por



meio de suas leituras, mas sim, por meio de suas próprias experiências com a vida e ações. (PAIVA; OLIVEIRA, 2010, p. 27).

A literatura infantil, quando apresentada em práticas pedagógicas engendradas por exclusivos exercícios morais e/ou intelectuais, desvia o poder imaginativo ao invés de aguçá-lo. Concordamos com Paiva e Oliveira (2010) quando dizem que a formação de um sujeito leitor demanda imaginação, curiosidade, diversão e o educar e o instruir pela literatura infantil deveria vir por último, sem imposições, afinal, o livro infantil só será considerado literatura infantil legítima mediante a aprovação da criança, atendendo suas necessidades individuais e singulares.

Intencionando unir teoria e prática, apresentamos agora o relato de um projeto de incentivo à leitura elaborado por educadoras que compartilham da linha de pensamento expressa no corrente trabalho.

Para o cenário, trazemos uma escola situada em região periférica de um município considerado de grande porte no interior paulista, que aqui denominaremos “escola de referência”. Os atores são quatro professoras responsáveis pelo projeto e 354 crianças de zero a seis anos. Como enredo temos o “Projeto biblioteca”, que contempla todas as crianças da escola, com empréstimo de livros para a leitura em casa, com a participação das famílias, contação de histórias, rodas de leitura, dentre outras atividades.

O Projeto Biblioteca faz parte da rotina da escola desde a sua fundação, em 2004, e de acordo com o Projeto Pedagógico da unidade, tem como metas e objetivos:

- Desenvolver o pensamento através da interpretação e descrição dos personagens, tempo, espaço, história;
- Auxiliar no desenvolvimento da linguagem simbólica, oral e escrita de fatos, acontecimentos e opiniões;
- Formular hipóteses e situações problema com relação à quantidade, espaço, medida e tempo, utilizando linguagem oral ou matemática;
- Organizar pastas para empréstimos;
- Orientar as crianças sobre os cuidados com o livro e a pasta;
- Organizar a biblioteca (espaço, livros, materiais, fantasias e armário);
- Contar histórias a partir da literatura infantil, utilizando fantoches, dramatização, aventais, teatro de sombras, dentre outros recursos;
- Confeccionar a “mala circulante” para a divulgação de livros;
- Elaborar materiais de contação de história para a contação mensal;
- Selecionar acervos e solicitar a aquisição de novos livros;
- Tombar os materiais adquiridos ou recebidos;

- Confeccionar fantasias e montar cenários;
- Organizar a estante do Livro Livre, destinada a empréstimos para as famílias das crianças;
- Avaliar o trabalho realizado em parceria com a criança e com os demais funcionários da escola.

A pequena sala que funciona como biblioteca disponibiliza livros diversos para crianças e professores, revistas em quadrinhos, publicações pedagógicas, CDs de músicas infantis, DVD's com filmes, documentários, desenhos, fantoches, fantasias, dentre outros.

O atendimento às crianças das 12 turmas da unidade educacional é feito a partir de um cronograma elaborado em horário de trabalho coletivo. As crianças de zero a dois anos são trazidas por suas professoras até a biblioteca para a escolha e empréstimo de seus livros. As crianças maiores (três a seis anos) se deslocam em pequenos grupos até a biblioteca, onde são atendidas pelas professoras responsáveis pelo projeto.

Durante os empréstimos, as crianças podem folhear e escolher os livros que ficam nas prateleiras construídas especialmente para essa finalidade. Enquanto isso, as responsáveis pelo projeto contam histórias dos livros escolhidos por elas, estabelecem diálogo livre sobre o que os pequenos entenderam e organizam as escolhas literárias em pastas para que as crianças possam levar o livro para casa. As educadoras compreendem que, dessa maneira, o empréstimo possibilita a aproximação da família com a leitura e com as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola, estreitando a relação família-escola e despertando o prazer pela leitura e o cuidado com o livro.

Para as contações de histórias, além da literatura infantil previamente selecionada como base, as professoras utilizam equipamentos de multimídia, teatro e áudio livro.

Nos dias de histórias, a escola toda irradia alegria. Adultos e crianças assistem e/ou participam do espetáculo. Os pequenos, sentados no chão do pátio, trazem olhos brilhantes, por vezes, acompanhados de uma boquinha semiaberta, hipnotizados pela magia e encanto que um livro e um professor podem trazer.

As histórias são adaptadas para as diferentes idades. Algumas vezes são contadas para a escola toda, outras para turmas específicas ou pequenos grupos.

O planejamento das ações é mensal e coletivo, apostando sempre nas habilidades diferenciadas de cada professora. Quem se destaca melhor na dramatização, investe nessa área. Quem gosta mais da confecção do cenário, se dedica a isso.

Olhando dessa forma o projeto e a escola parece ideais e distantes dos infinitos problemas que a educação enfrenta. No entanto, a realidade ali encontrada, não foge à regra.

Há *déficit* no número de funcionários, a quantidade de crianças atendidas por sala está muito distante do ideal, além das ordens judiciais que visando atender o direito da criança à educação, encaminham no decorrer do ano inúmeras matrículas novas, superlotando salas e dificultando cada vez mais o trabalho pedagógico de qualidade. Mas sim, há algo de especial no ambiente da unidade, mesmo com as dificuldades encontradas, há uma organização e um espírito de coletividade que fazem o cuidar e o educar acontecerem. Não se trata de dar um jeitinho no que deveria ser responsabilidade das políticas públicas. Pelo contrário, trata-se de fazer o melhor possível dentro das possibilidades permitidas. Esse simples detalhe constitui-se em diferencial valioso na construção da história da escola.

Nesse contexto, o Projeto Biblioteca tem sua história particular. Muitos professores passaram por ele e cada qual deixou um pedaço de memória em sua configuração, para que o mesmo ficasse como está. Mas não seria uma simples biblioteca instalada em uma salinha minúscula? Não. Diante do planejamento do projeto, o aperto da sala se expande ao ganhar todos os espaços da escola para a promoção da leitura. Para isso, há um preparo por parte dos profissionais. Há formações que a equipe participa para aprimorar a prática, em sua maioria são formações continuadas, oferecidas e certificadas pela Secretaria Municipal de Educação, através de profissionais da própria rede que compartilham seus saberes e experiências.

No corrente ano, vem sendo desenvolvida uma formação na escola sobre literatura infantil, que decorre de uma pesquisa de mestrado, oferecida por uma integrante da gestão da própria escola. Toda equipe está envolvida. A formação trata também sobre o PNBE e almeja utilizar a literatura infantil como ferramenta pedagógica, sem descartar sua função principal no desenvolvimento da criatividade e ludicidade.

Enquanto a história do projeto se autentica cada vez mais dentro do grupo, as memórias de quem o vivenciou ajudam a formar quem chega para assumir a sala de aula com pouca experiência, admitido em novos concursos públicos.

Nesse clima, prosseguimos com a história aqui compartilhada, buscando trazer para o tópico seguinte a continuação das respostas levantadas no tópico anterior, atreladas a um relato sobre o recebimento dos acervos do PNBE na escola com o recorte de um trabalho pedagógico elaborado a partir dos livros recebidos.

## **A ALEGRIA FORA DA CAIXA: QUANDO AS HISTÓRIAS SE TRANSFORMAM EM MEMÓRIAS**

As seguintes palavras de Benjamin (1985, p.37) nos inspiram: “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois [...]” e nos fazem perceber que, sair do acontecimento vivido, para transformá-lo em acontecimento lembrado implica no resgate de memórias. Tal qual uma colcha de retalhos, quando se reúnem os professores para relembrem as histórias vividas, cada qual apresenta o seu pedaço de tecido com as cores e texturas que seu olhar lhe permite ver. É nesse colorido que as histórias ganham vida e se transformam em memórias vivas, por serem lembradas.

Todas as quartas-feiras a equipe de professores da escola de referência se reúne para o trabalho docente coletivo (TDC). Foi nesse espaço, que a confecção da colcha de retalhos sobre o Projeto Biblioteca, referida neste artigo, teve seu início.

Logo no começo de 2015, foi planejada a compra de novos livros para o Projeto Biblioteca, no TDC, levantando como argumentos a precariedade e deficiência do acervo naquele momento, devido ao desgaste pelo uso.

Após a aprovação do Conselho de Escola, as professoras do Projeto Biblioteca fizeram uma seleção básica para a compra e cotaram os três orçamentos exigidos pela legislação. Diante da pouca quantidade que a verba estabelecida poderia adquirir, a decepção não pode ser disfarçada.

Mas, uma surpresa ocorreria naquela mesma semana: a chegada do malote municipal que trazia 18 caixas de livros do PNBE lacradas<sup>4</sup>.

Descarregadas no corredor da escola, as caixas não passaram despercebidas pelo grupo. A equipe foi acometida por uma alegria radiante. De acordo com o relato das professoras, fazia tempo que a escola não recebia livros para as crianças. Naquela quantidade então, era algo inédito.

---

<sup>4</sup> Dados obtidos a partir de entrevista com as professoras do Projeto.

A equipe também indica que a euforia tomou conta das professoras: com os olhos cintilantes e tagarelas, pareciam crianças abrindo presentes em uma manhã de Natal.

As caixas trouxeram surpresas pela quantidade e qualidade dos livros, que em grande parte coincidia com a escolha que já havia sido feita pela equipe do projeto anteriormente para compra, informam as professoras ainda que exclamações diversas permeavam a euforia: Nossa! Olha! Esse eu conheço, é ótimo! As crianças vão adorar esse aqui!

A quantidade recebida foi suficiente para melhorar o acervo de empréstimos e nas semanas seguintes, de acordo com as educadoras, foi feita uma divulgação para as crianças nas salas e depois disso, não era nada raro encontrar alguma criança que fugia da rotina no horário do parque para conhecer os livros novos da biblioteca, antes do dia do empréstimo. Informam também as professoras que alguns dos pequenos curiosos que escapavam para a biblioteca, ainda não sabiam falar direito, no entanto, conseguiam direitinho virar a página de um livro novo com cuidado para não rasgá-lo.

As professoras descrevem que no mês seguinte chegou outra remessa do PNBE, trazendo mais livros, mais qualidade e mais alegria para o projeto biblioteca, que além de um acervo renovado para as crianças emprestarem e levarem para a leitura em casa com suas famílias, trazia a oportunidade de cada sala ter uma caixa para seu acervo próprio ao alcance direto das crianças e educadoras. A equipe relata que isso foi ideia do próprio grupo. Não houve orientação inicial alguma para tal. Tempos depois, quando a rotina permitiu uma pausa para a leitura do guia PNBE, compreenderam que isso era indicado para o acervo.

Professores e gestores da escola apontam que não houve divulgação prévia sobre o PNBE. Os livros foram entregues na unidade, fizeram a alegria de todos, mas não houve divulgação alguma sobre o programa além daquela feita internamente, pela própria escola. Alguns professores da equipe sequer sabiam da existência do PNBE.

O recebimento dos acervos foi considerado pelo grupo muito assertivo possibilitando que todas salas da escola (12 ao total) tivessem, além de seus acervos individuais, também o guia “PNBE: Literatura fora da caixa”, que será parte integrante no material de estudo na formação continuada sobre literatura infantil (derivada de uma pesquisa de mestrado), entendendo que o professor precisa de formação para atuar como agente mediador de leitura. Sem a formação o professor terá menos chances de sucesso na formação do pensamento leitor das crianças, tal qual nos trazem Paiva e Oliveira (2010, p. 30):

Pelo que vimos, não seria possível, somente por meio dos livros, alcançarem um bom desenvolvimento do pensamento do leitor e assim, garantir condições para mobilidade social do aluno. Para que haja êxito no processo de formação de leitor, o educador deve ter clareza de sua metodologia com a literatura infantil em sala de aula, despertar questionamentos e promover a construção de novos significados.

O envio dos livros é extremamente válido, mas para isso precisa estar atrelado à formação do professor, para que a prática com as crianças não se limite ao instruir moral e intelectualmente.

Na escola de referência, a alegria do recebimento, associada ao Projeto Biblioteca e à formação contínua da equipe, logo foi revertida para a prática pedagógica que narraremos a partir de observações junto a uma sala da escola durante o primeiro semestre de 2015. Essa experiência positiva nos faz acreditar cada vez mais na importância da formação continuada que amplia o olhar do professor sobre a literatura infantil.

O ponto de partida nesse relato ocorreu na roda da novidade, logo depois do recebimento dos acervos do PNBE. Uma criança na roda disse: *“Tia! Você não sabe o que aconteceu! Meu avô subiu para consertar o telhado, caiu lá de cima, cortou o braço, a cabeça e está na cadeira de rodas”!*

A partir dessa fala, as outras crianças começaram a relatar o que sabiam sobre deficiência, até se lembrarem que havia uma criança que usava cadeira de rodas na escola. O primeiro diálogo sobre necessidades especiais gerou assunto para a roda da novidade dos dias subsequentes. Para ilustrar a compreensão, a professora, que faz parte do Projeto Biblioteca, lembrou-se de um livro recebido nos arquivos do PNBE, definido por ela como poético e multissensorial. De que cor é o vento? É o título da obra, escrita por Anne Herbauts, que foi lida na roda, sem comentários e passada de mão em mão, para a apreciação das crianças. Uma menina percebeu algumas bolinhas na capa e o diálogo foi norteado pela leitura em braile e pelas texturas do livro, que chamaram a atenção de todos. A curiosidade pelo livro atravessou a semana.

Para complementar o assunto, na semana seguinte, a professora recortou tecidos para serem utilizados como venda e na roda, tampou os próprios olhos e pediu a uma das crianças que viesse até ela, para que tentasse descobrir quem era. Ela, professora, não conseguiu descobrir. Outras crianças quiseram enfrentar o desafio e pediram para colocar a venda. A maior parte reconhecia os colegas. A ansiedade para acertar movia as mãos de quem estava vendado para a cabeça, olhos, boca, nariz, ombros e dedos dos amigos, na expectativa de reconhecimento. Durante a atividade, dentre as 27 crianças presentes na data (das 30

matriculadas na sala), com idade entre três e seis anos, somente três crianças não quiseram participar alegando que tinham muito medo de ficarem cegas ou por medo do escuro.

Na sequência do planejamento, a professora trouxe no outro dia a brincadeira “Cabra cega”, que algumas crianças conheciam como “Cobra cega”. A atividade rendeu uma pesquisa na internet que promoveu às crianças entenderem que uma mesma brincadeira pode ter nomes diferentes nas diversas regiões do país.

Ao fazer a avaliação do que foi feito junto com os alunos, a professora perguntou: Mas de que cor é o vento?

As respostas foram variadas. Alguns disseram que o vento não tinha cor. Uma criança falou que o vento era cinza, e justificou que a poluição escurecia o vento. Outra respondeu que o vento é marrom, porque se mistura com a terra na hora da ventania.

A professora relata que as crianças afirmaram ter gostado muito do livro e das atividades, em especial a de reconhecimento dos colegas. Ao indagar às crianças o que elas faziam para reconhecerem os amiguinhos, a maioria dizia que não era difícil porque os cabelos das pessoas são diferentes. Diante das respostas, uma das crianças levantou a mão e perguntou: “*Prô, por que tem gente com cabelo lisinho e gente com cabelo cacheadinho*”?

Dessa pergunta, surgiu um novo diálogo e o planejamento teve que novamente ser reformulado para atender a curiosidade geral. As crianças começaram a falar sobre cabelos: tem gente careca, tem gente com cabelo curto, cabelo comprido, liso, enrolado.

O livro *Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, já tinha sido trabalhado na roda de leitura e no Projeto Identidade, mas foi retomado para poder explicar para os pequenos a diferença entre as pessoas sob outro enfoque. E essa história, com suas atividades, motivou as crianças a quererem entender a diferença na cor da pele das pessoas. Dessa história, certamente, houve curiosidade para uma próxima. Assim, o planejamento quinzenal da professora traz uma história que é puxada por outra, e outra, conferindo à literatura infantil um importante recurso pedagógico movido a partir da curiosidade dos pequenos. Com as histórias trabalhadas as crianças organizam e constroem suas próprias memórias.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Uma reflexão aprofundada sobre teoria e prática, possibilita a criação de interfaces, entre as histórias de cada um com a realidade compartilhada, em um encontro de trocas constantes com o outro e com o mundo (OLIVEIRA, 2009).

A troca de experiências, ao unirmos estudos teóricos e práticas pedagógicas vivenciadas no chão da escola, permitiu-nos compreender o PNBE como um programa assertivo, mas tal como já disseram outros pesquisadores, carente de um diálogo maior com as unidades educacionais.

Ao nos propormos a tratar sobre literatura infantil, PNBE e prática pedagógica, lançamos olhares sobre as partes em direção ao todo e também sobre o todo em direção às partes. A partir de tais olhares, podemos dizer que a literatura infantil selecionada pelo PNBE pode ser bem aproveitada em escolas que desenvolvam práticas literárias, que incentivem a formação continuada sobre literatura infantil, sobre competências leitoras para adultos e crianças, sobre contação de histórias, dentre outras que aproximem o acervo enviado ao fazer pedagógico.

Entendemos que a simples entrega dos livros não garante a formação do professor mediador, tampouco a democratização do acesso à literatura. Novas políticas precisam ser pensadas para garantir a divulgação do PNBE nas escolas. Novas estratégias precisam ser elaboradas para fomentar a formação de professores leitores. É necessário revigorar as parcerias entre o PNBE e as Secretarias de Educação para que o trabalho iniciado a nível global continue fortalecido em nível local. Através de tais caminhos, a literatura infantil poderá fazer parte efetiva do universo da criança que estuda na escola pública.

Encerramos o presente artigo, com os dizeres de Mota (2012, p. 318): “a todos nós cabe defender o lugar da literatura na escola se a entendemos não apenas como um repertório cultural necessário para a educação estética, ética e cidadã, mas também como uma experiência única de linguagem, como acesso privilegiado às palavras que nos ajudam a construir este e outros mundos, além de nós mesmos”.

**STORIES AND MEMORIES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION:  
A LINK BETWEEN CHILDREN'S LITERATURE, PNBE  
AND EDUCATIONAL PRACTICE**

**ABSTRACT:** This article discusses about children's literature in educational practice, from PNBE books. This is an experience report with reading in kindergarten, based on a theoretical study of children's literature and PNBE. The following objectives were established: i) highlight the historical aspects and the importance of children's literature contextualized to the field of education, ii) present the PNBE and reflect on its contributions to school; iii) show that working with literature in early childhood education can be linked to the interests of children and can be a valuable tool in discovering the world by the small ones. We understand the PNBE as an assertive program, but still in need of further dialogue with the educational units. The simple delivery of the books does not guarantee the formation of the facilitator nor



the democratization of access to literature. New policies need to be designed to ensure the disclosure of PNBE in schools.

**KEYWORDS:** Children's Literature. National School Library Program. (PNBE), Childhood Education. Teaching Practice. Teacher training.

### **HISTORIAS Y RECUERDOS EN LA EDUCACIÓN DE LA PRIMERA INFANCIA: UN ENLACE ENTRE LITERATURA INFANTIL, PNBE Y LA PRÁCTICA EDUCATIVA**

**RESUMEN:** Este artículo discute acerca de la literatura infantil en la práctica educativa, de los libros PNBE. Se trata de un relato de experiencia con la lectura en el jardín de infantes, con base en un estudio teórico de la literatura infantil y PNBE. Establecido los siguientes objetivos: i) poner de relieve los aspectos históricos clave y la importancia de la literatura infantil contextualizado al campo de la educación, ii) presentar el PNBE y reflexionar sobre sus contribuciones a la escuela; iii) muestran que el trabajo con la literatura en la educación infantil puede estar vinculado a los intereses de los niños y puede ser una herramienta valiosa para descubrir el mundo de los pequeños. Somos conscientes de la PNBE como un programa asertivo, pero todavía necesita un mayor diálogo con las unidades educativas. La simple entrega de los libros no garantiza la formación del facilitador ni la democratización del acceso a la literatura. Las nuevas políticas deben diseñarse para que la publicidad de PNBE en las escuelas.

**PALABRAS CLAVE:** Práctica Pedagógica. Formación de los docentes. Educación Infantil. Literatura Infantil. Programa Nacional Biblioteca de la escuela.

### **REFERÊNCIAS**

ARALDO, A. F. A. *Sobre voltas e abandonos: literatura infantil/juvenil, reprodução e renovação de valores sociais*. 2011. 156f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1985.

BESSELER, L. H.; FARIA, A. P. A avaliação na educação infantil: fundamentos, instrumentos e práticas pedagógicas. *Nuances*, Presidente Prudente, v. 25, p. 155-169, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de Convocação para Inscrição de Obras de Literatura no Processo de Avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2008*. Brasília, 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital\\_pnbe\\_2008.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital_pnbe_2008.pdf). Acesso em: 15/07/2015.

CARLETO, E. A. *Literatura infantil como experiência de formação: um estudo com obras de Ruth Rocha*. 2014. 408f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

MARQUES, M. J. D. V. *Programa nacional biblioteca da escola: PNBE do correio à sala de aula*. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

MONTEIRO, T. *Era uma vez... uma construção discursiva do conceito de qualidade na literatura infantil e juvenil*. 98f. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MOTA, R. J. C. *Avaliação pedagógica de obras literárias: educational evaluation of literary*. Works. Educação, Porto Alegre, v. 35, n. 3, set./dez. 2012, p.308-318.

MOZZER, G. N. S. *A criatividade infantil na atividade de contar histórias: uma perspectiva histórico-cultural da subjetividade*. 2008. 213f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2008.

OLIVEIRA, M. L. *“As aventuras de Alice no país das maravilhas” e na Emia: Winnicott e a educação*. 170f. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PAIVA, S. C. F.; OLIVEIRA, A. A. A literatura infantil no processo de formação do leitor. *Cadernos da Pedagogia*. São Carlos, Ano 4, v. 4 n. 7, jan -jun. 2010, p.22-36

SOARES, M.; PAIVA, A. (Org.). Introdução. In: BRASIL. *Ministério da Educação. PNBE na escola: literatura fora da caixa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. p.9-16.

SOUZA, R. J.; GIROTTO C. G. S. (Org.). Era uma vez...uma caixa de histórias: prosa no acervo do PNBE 2014. In: BRASIL. *Ministério da Educação. PNBE na escola: literatura fora da caixa*. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2014. p.30-43.

Recebido em julho de 2015.

Aprovado em outubro de 2016.